

Reimaginar Futuros com Hurston: Arte e Arquivo em Eatonville¹

Débora Wobeto (UFRGS/Brasil)²

Em 2022, na semana de Ação de Graças, viajei para Eatonville, na Flórida, para conhecer a cidade onde Zora Neale Hurston cresceu e que permeia toda a sua obra. A pequena cidade, localizada a meia hora do universo fantástico de Mickey Mouse, em Orlando, tem hoje pouco mais de dois mil habitantes. Nas palavras de Zora, Eatonville era, na sua infância, “uma cidade de cinco lagos, três quadras de croquet, trezentas peles pretas, trezentos bons nadadores, muitas goiabas, duas escolas e nenhuma prisão” (Hurston, 2008 [1935], p. 4, tradução nossa). Não vi os lagos nem seus bons nadadores, nem pessoas jogando croquet ou crianças em pátios escolares. O que me levou até essa expedição em busca de Zora, tal qual fez Alice Walker há cinquenta anos, foi o Zora Neale Hurston National Museum of Fine Arts, onde eu supunha estarem preservados pertences e documentos da antropóloga. Foi o encontro com o que lá havia, e com o que não havia, que me colocou diante de uma questão central desta comunicação: como o arquivo não apenas conserva, mas produz.

Essa visita integrava um trabalho de campo mais amplo, realizado entre 2022 e 2023 durante um estágio doutoral nos Estados Unidos com apoio da CAPES, dedicado aos filmes realizados por Hurston entre as décadas de 1920 e 1940. Esses filmes permaneceram desconhecidos e inacessíveis por décadas e são regidos por parâmetros de acesso bastante restritos até hoje. A pesquisa incluiu trabalho arquivístico em instituições como a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, a Universidade de Columbia e o Barnard College, além de deslocamentos por cidades relacionadas à trajetória da antropóloga, como Eatonville, onde ela cresceu, e Fort Pierce, onde viveu seus últimos anos. Este texto propõe uma reflexão sobre parte desse material, com atenção aos processos de reinscrição histórica de Hurston em Eatonville e ao caráter generativo de sua obra, examinado a partir do conceito de ativação do arquivo de Gil Hochberg (2021).

Em Eatonville, a referência ao passado recebe os visitantes antes mesmo de qualquer dos seus habitantes. Um viaduto sobre a autoestrada I-4, que cruza a Flórida de Tampa a Daytona Beach, anuncia: “Historic Eatonville: The Town That Freedom Built”.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

² Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, com bolsa Capes PIPD.

Essa recepção se repete no pórtico de entrada da cidade, com os mesmos dizeres, apresentando Eatonville como a primeira municipalidade afro-americana incorporada nos Estados Unidos, em 1887. A origem política da fundação de uma cidade “puramente Negra” (Hurston, 2006 [1942], p. 1, tradução nossa), com aparato legal formulado por vinte e sete homens negros que também constituíam o conselho municipal e ocupavam os cargos de prefeito e delegado de polícia, faz de Eatonville o primeiro espaço de formação de Hurston. É para lá que ela retorna para realizar trabalho de campo, inspirar personagens literários e narrar a si mesma ao longo de toda a vida. E cerca de um século depois, é lá que estou em busca de vestígios de sua trajetória e rastros de uma obra que só recentemente passou a ser considerada no ensino do culturalismo norte-americano e da antropologia visual em cursos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras.

Ao mergulhar em partes muitas vezes desconexas e desencontradas dos arquivos dessa antropóloga, o que Michel-Rolph Trouillot (2016) identificou como silêncio produtivo ganha concretude. Não há lacunas acidentais, mas escolhas que produzem o silêncio e que se instalam no momento da criação dos documentos, na constituição dos acervos, na construção das narrativas e na significância retroativa do que se torna história. O interesse pela reanimação dos arquivos a partir de questões do presente (Azoulay, 2008) orientou o modo como busquei reinscrever os filmes de Hurston no debate da antropologia visual (Wobeto, 2023). Algumas das questões que cercam esses filmes dizem respeito ao binômio objetividade e subjetividade no filme etnográfico, reposicionado nos anos 1960, e que teria se beneficiado caso os filmes de Hurston já tivessem sido encontrados à época. Do mesmo modo, os debates em torno dos cânones disciplinares e da atuação das mulheres na ciência e no cinema encontram nesse arquivo um material que ainda está por ser animado. Nesse contexto, silêncio e invenção não são mobilizações opostas, mas forças generativas para disputar o arquivo e imaginar o futuro.

Descobrir Zora³, com todas as aspas que essa descoberta poderia ter, implicou navegar entre evidências de sua produção antropológica, enquanto a produção literária já foi amplamente analisada, reeditada, criticada e posta como leitura obrigatória no ensino básico estadunidense. A busca por indícios da sua face de antropóloga nos arquivos estimulou, por anos, a minha pesquisa em torno de materialidades que indicassem que ela *esteve lá*, que operou uma câmera e que se correspondeu com Franz Boas e Margaret

³ Ver Fieldwork Footage: Descobrindo Zora Neale Hurston, da autora (2020). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/105596>

Mead. Essa espécie de defesa de sua produção, enquanto eu era produzida como pesquisadora, me manteve motivada ao longo de todo o doutorado e, próximo ao período de conclusão do curso, descobri também que Zora anteviu aquilo que eu ainda não sabia nomear: “pesquisa é curiosidade formalizada” (Hurston, 2006 [1942], p. 143, tradução nossa).



Imagem 1 - Zora Neale Hurston National Museum of Fine Arts. Foto da autora, 2022.

Naquela tarde de novembro em Eatonville, a curiosidade que por anos me moveu atrás de provas materiais da existência de Hurston como antropóloga encontrou um museu sem objetos seus, mas com uma exposição de quadrinhos de super-heróis, o que, num primeiro momento, foi desconcertante. Millard Livatt, um homem negro de pouco mais de cinquenta anos que me recebeu e mediou a visita, explicou que o museu se constituiu a partir da demanda por um espaço de celebração e socialização da produção de artistas afro-americanos que encontram inspiração na obra da autora. Ele próprio, que vive na cidade desde que nasceu, só teve acesso aos escritos de Hurston na vida adulta, depois que seus livros foram reeditados e o Festival Zora! foi criado, em 1990. Há nesse dado uma evidência do argumento de Trouillot (2016), de que o silêncio se instala na construção das narrativas que determinam o que circula e para quem, independentemente da proximidade com o fato e sua inscrição como história. Assim como ser orientanda de

Boas não garantiu a Hurston um assento entre a intelectualidade antropológica, crescer em Eatonville não garantiu o acesso de Livatt a ela. É somente a partir da busca de Alice Walker pela autora na década de 1970⁴ que essa reativação do arquivo chega à cidade, de fora para dentro, pela via do debate que se instaura nos circuitos acadêmicos para depois culminar no festival e no museu. Livatt é, nesse sentido, um observador privilegiado e um sujeito constituído por esse processo.

Eatonville, antes presente na obra de Hurston como memória da infância, é agora uma cidade que se reconfigura a partir da notoriedade retrospectiva da autora (Correa, 1995), alcançando densidade material e simbólica nas últimas décadas. Murais e placas comemorativas marcam a paisagem urbana, articulando-se a processos mais amplos de reinscrição histórica por meio de práticas artísticas como a que encontro no museu.



Imagem 2 – The Uncanny King's Men e The Mighty Shango. Foto da autora, 2022.

The Uncanny King's Men, The Mighty Shango, The Black Thing, Buck, entre outros, são personagens nascidos da colaboração artística de John Jennings e Stacey Robinson, do coletivo Black Kirby. Sua inspiração está na sobreposição entre a estética visual dos quadrinhos Marvel dos anos 1960, criados por Jack Kirby, e a experiência afro-

⁴ Ver “Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista”, de Alice Walker (2001).

americana narrada por Zora Neale Hurston, W. E. B. Du Bois e outros intelectuais e artistas negros. As obras da dupla ativam o arquivo para inverter sua temporalidade, em um movimento que Hochberg (2021) nomeia como imaginação arquivística, em que o arquivo não é uma busca por rastros do passado que explicam o presente, mas, talvez de forma mais significativa, um espaço para encontrar rastros do que ainda está por vir. Ao recodificar os super-heróis da Marvel com corpos e histórias negras, o Black Kirby intervém no arquivo visual que programa o imaginário coletivo sobre quem pode ser herói e quem pode salvar o mundo.

Para Kodwo Eshun (2003), as práticas afrofuturistas surgem nas décadas de 1950 e 1960 como resposta a um século hostil à projeção afrodiaspórica. Seu projeto central é recuperar as histórias de contra-futuros sistematicamente suprimidos, intervindo na dimensão do preditivo. Para o autor, os sujeitos negros, excluídos das narrativas sobre o futuro, mesmo das distópicas, vivem cotidianamente o estranhamento que a ficção científica *mainstream* apenas imagina. O afrofuturismo responde a essa exclusão fabricando ferramentas de intervenção no presente, incluindo a disputa pelo controle sobre o que será imaginado como futuro.



Imagem 3 – Zora por John Jennings. Foto da autora, 2022.

Essa orientação ao futuro aparece também no *artist statement* de John Jennings escrito para a exposição que visitei, no qual ele afirma que a sabedoria e o talento de Hurston vão reverberar no futuro e que as gerações seguintes serão muito melhores por essa razão. Tendo isso como referência, ele próprio a retrata numa homenagem à altivez e à determinação que reconhece em sua obra. Para Jennings, o arquivo de Hurston não é um repositório do passado, mas um espaço ativo para a imaginação.

“Ao contemplar esse ‘Gênio do Sul’, quis expressar o que ela significa para mim. Decidi fazer um retrato dela formando-se a partir de um começo caótico e turbilhonante. No entanto, em vez de representá-la com medo ou recuando, ela aparece sorrindo, inabalável em sua franqueza e determinação.” (John Jennings, Artist Statement, março de 2022).

Nas obras, a estética de Jack Kirby se torna matéria para reimaginar corpos, mitologias e histórias negras. No lugar de Thor, Shango ocupa o panteão dos super-heróis com seu machado de lâminas curvas, figura que pode ter sido imaginada a partir das descrições do imaginário religioso afro-americano e caribenho que Hurston documentou. No lugar do Professor X, de X-Men, o coletivo inscreve a fisionomia de Martin Luther King Jr., projetando a perseguição sofrida pelo movimento pelos direitos civis para dentro da linguagem dos quadrinhos que milhões de leitores reconhecem como heroica. O subtítulo “Dreams of Futurepast” dialoga com o arco narrativo de *X-Men: Dias de um Futuro Esquecido*, deslocando a alegoria da perseguição aos mutantes para a história do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos. A placa com o dizer “Mutant”, pendurada no pescoço do personagem, marca sua estranheza no universo dos quadrinhos e a diferença sentida pelas pessoas negras na sociedade americana da época, cuja persistência mobiliza as questões do presente.

O personagem The Black Thing recodifica o Coisa (The Thing) do *Quarteto Fantástico* como um homem negro de pele rochosa que carrega um cartaz com a frase “This Black Man... This Monster!”, mobilizando o olhar racista que por séculos projeta a monstrosidade sobre o corpo negro. The Unkillable Buck Returns evoca Hulk, transformado aqui no “Buck”, com a legenda “They Shoot Bucks, Don't They?”, referência ao filme *They Shoot Horses, Don't They?* e ao termo “buck”⁵, historicamente

⁵ Ver “Toms, Coons, Mulattoes, Mammies, and Bucks”, de Donald Bogle (1973), estudo sobre os estereótipos raciais que estruturam a representação de pessoas negras no cinema dos Estados Unidos e sua relação com a violência racial. Nesse contexto, o termo “buck” designa o arquétipo do homem negro representado como ameaça sexual e física, bestializado e desumano.

usado como desumanização do homem negro no sul dos Estados Unidos. Nos termos de Hochberg (2021), a potencialidade política do arquivo depende de sua capacidade de servir como fonte para imaginar um futuro ainda desconhecido. Essa potencialidade não anula, mas coexiste com os “perigos disciplinares do arquivo”, vinculados ao debate teórico foucaultiano⁶ sobre o arquivo como dispositivo de poder e exclusão, de modo que, apesar desses riscos, “é preciso também reconhecer seu potencial para antecipar e promover a mudança social” (Hochberg, 2021, p. 13, tradução nossa). É essa potencialidade que as obras do Black Kirby ativam ao transformar o arquivo visual da cultura pop americana em recurso para intervenção. Esse gesto inventivo também está em linha com o que Saidiya Hartman (2020) propõe como fabulação crítica, método que, diante de arquivos que silenciaram ou apagaram sujeitos negros, preenche as lacunas com imaginação rigorosa, ancorada no que os documentos e seus silenciamentos permitem inferir.



Imagem 4 - Buck. Foto da autora, 2022.

⁶ Ver “A arqueologia do saber”, de Michel Foucault.

Ao me relacionar com essa narrativa imagética, revisito a recusa de Hurston a apagar a singularidade da experiência negra quando decidiu registrar a fala de Kossola tal como ele a pronunciava, em *Barracoon*. Esse gesto teve um custo, e o livro, escrito em 1931, só foi publicado em 2018. Volto também à formulação do personagem Tea Cake e da relação simétrica que ele estabelece com Janie em *Seus Olhos Viam Deus*. Penso nas frequentes angústias de Zora em relação ao modo como suas anotações de campo, descrições, fotografias e filmes poderiam ser usados por seus financiadores brancos para objetivos diferentes dos seus. Para Ytasha Womack (2013), Hurston integra uma linhagem de mulheres negras que já usavam a imaginação, a arte e a tecnologia para redefinir as expressões negras e femininas antes mesmo da consolidação do afrofuturismo como movimento. Para a autora, o afrofuturismo contemporâneo dá continuidade a essa história do pensamento. Nesse aspecto, o que o Black Kirby faz em Eatonville é tanto uma celebração da obra de Hurston quanto uma reinvenção e continuação ética dos termos que guiaram seu trabalho artístico e intelectual.

Neste ensaio, busquei sistematizar como elementos anteriormente alvo de críticas na obra de Hurston vêm sendo mobilizados por artistas visuais contemporâneos de ascendência africana como insumo para reimaginar futuros e constituir um campo de ativação dos arquivos. Em Eatonville, o arquivo é convocado para além de sua função memorial, tornando-se um espaço de produção criativa e coletiva. O encontro com a obra do coletivo Black Kirby evidencia esse movimento de revisitação produtiva, no qual a experiência afro-americana narrada por Hurston produz novas imagens e narrativas que persistem no presente. O caso de Eatonville sugere que a ativação do arquivo por meio de práticas artísticas é uma forma de produção de conhecimento capaz de reelaborar criticamente as lacunas e os silenciamentos dos arquivos. Refletir sobre esses processos a partir do conceito de imaginação arquivística proposto por Hochberg e das genealogias afrofuturistas traçadas por Eshun e Womack pode contribuir para qualificar o debate sobre intervenções artísticas em arquivos etnográficos, como o de Hurston, especialmente no que diz respeito às suas dimensões éticas e generativas.

Referências Bibliográficas

- AZOULAY, Ariella. *The Civil Contract of Photography*. New York: Zone Books, 2008.
- CORREA, Mariza. *Antropólogas e Antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.
- ESHUN, Kodwo. Further Considerations on Afrofuturism. *The New Centennial Review*, v. 3, n. 3, p. 287-302, 2003.
- HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. *Revista Eco-Pós*, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020.
- HOCHBERG, Gil Z. *Becoming Palestine: Toward an Archival Imagination of the Future*. Durham: Duke University Press, 2021.
- HURSTON, Zora Neale. *Olualê Kossola: As palavras o último homem negro escravizado*. Record, 2021.
- HURSTON, Zora Neale. *Dust Tracks on a Road: An Autobiography*. New York: HarperCollins, 2006 [1942].
- HURSTON, Zora Neale. *Mules and Men*. New York: HarperCollins, 2008 [1935].
- TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.
- WOBETO, Débora. *A 16mm de distância: os filmes de Zora Neale Hurston*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2023.
- WOMACK, Ytasha L. *Afrofuturism: The World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture*. Chicago: Chicago Review Press, 2013.